

Pataxós recuperam terras invadidas

Os índios retomaram 5 mil hectares ocupados por fazendeiros e a morte de Galdino Jesus ajudou a tribo a resolver um problema antigo

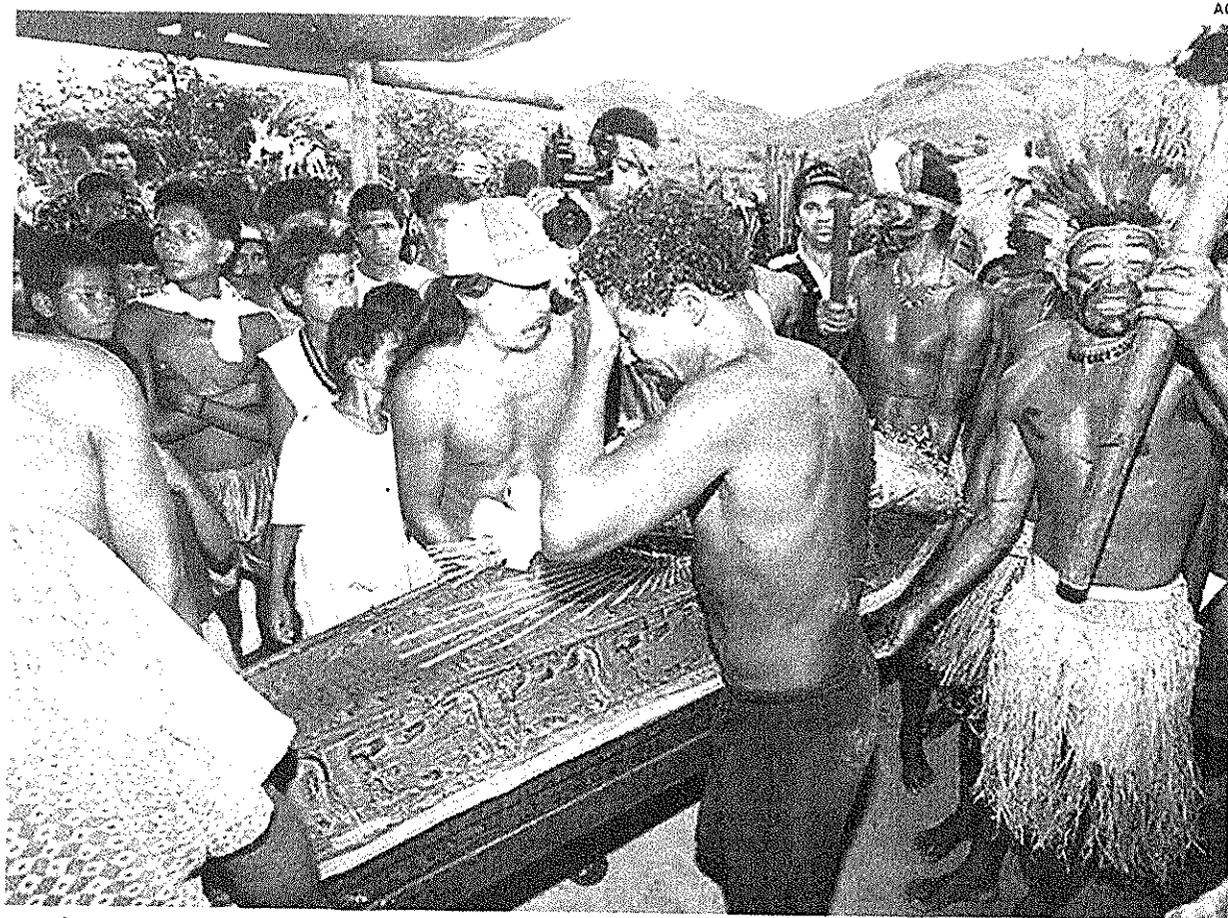
BRASÍLIA (AE) — A morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, assassinado no dia 18 de abril do ano passado, por cinco jovens da classe média de Brasília, ajudou a resolver um problema de sua tribo, que caminhava há mais de meio século na Justiça Federal.

Os pataxós hã-hã-hãe de Pau Brasil, na Bahia, já conseguiram retomar 5 mil dos 56 mil hectares de suas terras invadidas por fazendeiros. Mas se a morte de Galdino apressou a liberação das terras, o mesmo não pode dizer do processo que apura sua morte. Até agora a Justiça do Distrito Federal não decidiu se os cinco matadores do índio pataxó serão julgados por homicídio doloso ou por lesão corporal seguida de morte.

Por causa do recesso forense, o Tribunal de Justiça do Distrito Federal só deverá se pronunciar sobre o caso a partir de fevereiro, quando irá confirmar ou não a sentença da juíza Sandra de Santis Mello, que desqualificou o crime, de homicídio doloso para lesão corporal seguida de morte. A promotora do caso, Maria José Miranda, acredita que as chances de a sentença ser reformada é de 90%. Se os desembargadores do Tribunal de Brasília mantiverem a decisão de Sandra de Santis, o Ministério Público irá recorrer ao Superior Tribunal de Justiça (STJ).

Hoje os pataxós da Bahia admitem abrir mão de parte de uma área para que os fazendeiros deixem a reserva e termine a briga judicial que vem desde 1932. Galdino foi morto justamente durante uma das vindas à Brasília, para tentar resolver o problema de sua tribo. Os índios já ocuparam cinco fazendas, e o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Sullivan de Oliveira, já adiantou os trabalhos periciais para apressar a nova demarcação.

Oliveira, segundo assessores da Funai, também tirou proveito



Índios pataxós choram ao carregar o caixão de Galdino Jesus, que morreu queimado em Brasília

do caso pataxó. Uma visita recente do presidente da Funai à região, para assinar convênios e para uma sessão de fotos para uma revista de variedades.

Galdino Jesus dos Santos era um dos inúmeros índios em visita a Brasília tentar resolver seus problemas ou a tratamento médico.

Mesmo com sua morte, o movimento nas pensões mantidas pela Funai se manteve inalterado. De setembro a dezembro do ano passado, o governo pagou mais de R\$ 100 mil em alimentação e hospedagem para quatro estabeleci-

mentos. Um deles, inclusive, recebeu, segundo o Diário Oficial da União, pouco mais de R\$ 40 mil de despesas.

Os presos — Os estudantes Max Rogério Alves, Antônio Novely Cardoso de Vilanova, Tomás Oliveira de Almeida e Eron Chaves de Oliveira estão presos no Núcleo de Custódia da Penitenciária da Papuda. Max fez vestibular de Administração no presídio, graças a um convênio mantido pelo Governo do Distrito Federal e a Universidade Católica de Brasília, mas só poderá frequentar as aulas com autorização judicial. O menor G.N.A.J, que

também participou da morte de Galdino, ficou preso três meses no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), mas teve a prisão relaxada.

O pataxó Galdino Jesus dos Santos foi um dos mais de 230 índios mortos nos últimos dois anos. Ele estava dormindo em um ponto de ônibus na avenida W-3, em Brasília, quando os estudantes jogaram álcool sobre ele e atearam fogo. Galdino morreu poucas horas depois com queimaduras em quase todo o corpo. Os cinco estudantes confessaram o crime, e alegaram acreditar que o índio, na verdade, era um mendigo.

*A crítica
4/1/98
C4
761*